

DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA NA ERA DA WEB SEMÂNTICA: por uma nova noção de documento

artigo de revisão

Solange Puntel Mostafa*
José Eduardo Santarém Segundo**
Deise Maria Antonio Sabbag***

RESUMO

A partir da filosofia pragmatista de William James a qual valoriza a noção de fragmentação e a junção disjuntiva de fragmentos, bem como a partir da filosofia francesa do pós-68 delineou-se a noção de documento como agenciamento permitindo assim traçar a evolução de protocolos para a descrição bibliográfica desde o AACR, passando pelo modelo conceitual FRBR, RDA e chegando à Web Semântica onde são identificadas estruturas rizomáticas de representação do conhecimento.

Palavras-chave: Descrição Bibliográfica. Agenciamento. Linked Data.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora. Livre-Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.
E-mail: smostafa@terra.com.br.

** Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.
E-mail: santarem@usp.br.

*** Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil. Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil.
E-mail: deisesabbag@usp.br.

I INTRODUÇÃO

Refletir fora dos quadros representativos da Ciência da Informação na contemporaneidade é desafiador, mas necessário para entendermos a adoção de novos modelos representacionais. Deslizando entre os planos da Literatura, Filosofia e Ciência da Informação buscamos discutir os limites conceituais da descrição e controle bibliográfico.

A literatura borgeana, a biblioteca de Babel, faz nos pensar no infinito do conhecimento, em um universo bibliográfico incontável e até mesmo ainda não existente. Neste sentido, pensamos a partir do universo infinito de Borges a clássica expressão da Biblioteconomia “universo bibliográfico” para refletirmos sobre questões como o controle bibliográfico e os trabalhos realizados atualmente no campos da descrição bibliográfica. Neste ponto o trabalho busca introduzir uma discussão sobre o universo de recursos bibliográficos em expansão e

a necessidade de protocolos fixos de registro bibliográfico, bem como códigos e suas práticas.

Essa discussão pode ser ampliada para uma epistemologia praticada na catalogação, classificação e indexação tendo em vista uma nova noção de documento, texto ou informação. Este novo documento para a descrição bibliográfica caracterizado por agenciamentos e multiplicidades ainda apresenta questões que precisam ser resolvidas no momento da atribuição dos metadados.

O objetivo deste trabalho é proporcionar a discussão do surgimento de um novo documento para a descrição bibliográfica, afirmado como agenciamento, tendo como companhia teórica Frhmann, Hayle e Allison-Cassin, autores que são influenciados pela teorização deleuziana do rizoma-multiplicidade. Para isso a discussão contemplará questões de autoria de tirania do registro, modelos representacionais como FRBR e RDA chegando a concepções e modelos mais contemporâneos como do dado aberto ou *Linked Data*.

2 O BOM DA FRAGMENTAÇÃO

Temos feito algumas tentativas de pensar o conhecimento e sua organização fora dos quadros representativos da Ciência da Informação. Isto implica pensar os fragmentos e a fragmentação de maneira positiva como talvez tenha nos ensinado a rica tradição do empirismo inglês ao valorizar as relações entre os objetos ou fragmentos.

Tal procedimento encontramos também no pragmatismo americano de William James (1819-1892) que, ao trazer a colcha de retalhos como princípio e produto do conhecimento, faz-nos entender que conhecemos aos poucos de um fragmento a outro, seguindo traços, percorrendo indícios. Conhecer é seguir ou deambular, esse novo verbo inventado pelo pragmatismo americano. Ziguezaguear em linhas ou direções imprevisíveis no encaixe dos fragmentos. Pois jamais conhecemos por inteiro. Daí a importância desta noção filosófica do fragmento. Deleuze dirá que foram os americanos que inventaram a colcha de retalhos "... no mesmo sentido em que se diz que os suíços inventaram o cuco" (DELEUZE apud LAPOUJADE, 2000, p. 274).

Essas tentativas de pensar a organização do conhecimento fora dos quadros representativos da Ciência da Informação vão sendo possíveis sempre que fazemos deslizar planos de pensamento distintos. Por exemplo, o plano das artes chamado de composição e o plano da filosofia chamado de consistência. Um plano faz eco sobre o outro, ressoa, produz efeitos, mas eles não se confundem.

No caso de pensar a *patchwork* como princípio e organização do conhecimento aproximamos a poesia fragmentária de Walt Whiteman à filosofia do pragmatismo americano para pensar "não apenas o conhecimento, mas o mundo como um sistema de redes [...] patchworks e networks são relações construídas passo a passo, pedaço por pedaço, como um grande tecido que não se fecha, porque sempre aberto a novas relações e novas associações" (MOSTAFA; NOVA CRUZ, 2011 p. 13).

3 DESLIZAR OS PLANOS ENTRE LITERATURA, FILOSOFIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Falamos então de junções disjuntivas ou aproximações de elementos heterogêneos, pois associamos retalhos ou partes do mundo

muito diferentes entre si. É quando William James valoriza a conjunção 'e' para realizar a síntese disjuntiva, pois não se trata de eliminar o diferente mas de incluí-lo. Na literatura de Ciência da Informação já é possível encontrar mais exemplos deste deslizamento de planos entre arte e ciência ou arte e filosofia. O livro organizado por Marco Antônio de Almeida (2012) traz curiosa intercessão entre Ciência da Informação e Literatura; todo escritor traz marcas de sua contemporaneidade, mas entendemos que é a ultrapassagem desse momento histórico e social vivido pelo romancista que faz dele um vidente, a nos arrastar para mundos impensáveis e atemporais. A literatura cria outros mundos e nos fazer devir outros, diferentes de nós mesmos. Dois romancistas brasileiros como Guimarães Rosa e Clarice Lispector nos faz virar onça e barata, num devir-animal impensável para nossa condição humana histórica e cultural. É que ambos constroem um outro plano mágico de pensamento, fora da história e do tempo, para onde nos levam, seus leitores, a viver perigos no limite de nossa des-humanidade.

Assim também situaremos a poesia e a prosa de Jorge Luis Borges frequentemente citada na literatura de ciência da informação. Pois é um autor que não apenas escreveu sobre bibliotecas e livros, mas também vivenciou bibliotecas e livros como leitor e como profissional. Mas é o aspecto de realismo mágico de sua literatura que chama a atenção do mundo em várias áreas de conhecimento. A biblioteca de Babel publicada em 1941 é um texto bastante citado pelos bibliotecários, mas também pelos literatos, filósofos, cineastas e pensadores mundo afora. Os leitores de Michel Foucault lembrarão da enciclopédia chinesa no prefácio de *As palavras e as coisas*, lugar de intensa divulgação do poeta argentino. Mas são muitos os contos famosos de Borges. Lembraremos apenas as passagens com que dois de nossos autores eleitos para esta problematização iniciam seus textos: Allison-Cassin (2012) ao discutir os protocolos da catalogação visualiza a possibilidade da biblioteca infinita ao explorar os limites conceituais da descrição bibliográfica e Hayles (2003) inicia sua nova teorização sobre textualidade invocando o conto *Pierre Menard, autor do Quixote* (trata-se um francês contemporâneo, *Menard*, que se propõe a escrever um Quixote melhor que o original de Miguel de Cervantes só que literalmente idêntico

a ele. Os significantes são os mesmos nos dois livros, mas os significados (referentes, mundo) mudaram, pois estamos agora com *Menard* no século XX e isso muda a obra. É a maneira toda particular que a literatura borgeana tem de repetir, diferenciando. Este conto tornou-se um dos mais estudados pela crítica literária com apenas suas seis páginas como são muitos dos contos de Borges, curtos, eruditos, filosóficos. A proposta trazida por Hayles (2003) é pensarmos uma versão eletrônica do romance de Cervantes. Suponhamos não um novo tempo para a obra mas um novo meio. Seria a mesma obra? A resposta de Hayle (2003, p. 264) é negativa: *"Translating the words on a scroll into a codex book, for example, radically alters how a reader encounters the work; by changing how the work means, such a move alters what it means."*

Tão subversiva quanto a questão de Borges, a mudança de meio impresso para meio eletrônico suscita debates no início dos anos dois mil. Hayles (2003, p. 270) se insere neste debate argumentando que não se trata de mimetizar o impresso no meio digital pois isso seria imaginar o digital com a mesma complexidade ou impossibilidade que a Biblioteca de Babel *"for it would have to include an unimaginable number of codes accounting for the staggering multiplicity of ways in which we process books as sensory phenomena"*. A questão de Hayles que também é a nossa desconfia do imperialismo dos signos linguísticos para fazer esta transposição. Daí a necessidade de repensar noções como obra, texto e informação. Repensar afinal o que é o documento: *"[...] choices have been made about which aspects of the book to encode, and these choices are heavily weighted toward the linguistic rather than the bibliographic"* (HAYLES, 2003, p. 270). Escolhas que devem correlacionar os códigos linguísticos, bibliográficos e digitais.

Hayle se insere assim entre os teóricos malabaristas (como Deleuze denomina os romancistas que nos fazem sonhar outros mundos), desta vez trata-se de uma teórica de Letras e da crítica textual. Ela é malabarista, assim como os romancistas citados por Deleuze porque faz deslizar seus planos de análise entre a literatura, a filosofia, a crítica literária produzindo novas compreensões em outras áreas do conhecimento que trabalham com os textos. É o caso da catalogadora de música Allison-Cassin (2012) que irá discutir a possibilidade da biblioteca infinita explorando os limites

conceituais da descrição bibliográfica. Como alerta Mostafa (2013 p. 93): *"se a Ciência da Informação, especialidade dos cientistas da informação se beneficiar da filosofia da diferença, certamente irá atualizar acontecimentos-conceitos em seu plano referencial e a filosofia irá dar consistência a mais novos conceitos em seu plano de imanência virtual."* Vejamos como Assison-Cassin problematiza as suas leituras borgeanas relacionando-as ao controle bibliográfico.

4 O UNIVERSO BIBLIOGRÁFICO

Na literatura-arte de Borges, a biblioteca de Babel é sempre lembrada como uma alusão ao infinito do conhecimento, pois possui todos os livros do universo até mesmo os que ainda não foram escritos, mas, curiosamente, ninguém consegue ter acesso ao seu catálogo. Uma outra impossibilidade é entender as palavras escritas nas páginas dos incontáveis livros desta biblioteca mágica. Vejamos como Borges inicia a sua narrativa fantástica sobre a Biblioteca: *"O universo (que outros chamam a Biblioteca) é composto de um número indefinido, e talvez infinito de galerias hexagonais... de qualquer hexágono vêem-se os andares inferiores e superiores: interminavelmente"* (BORGES, 2007, p. 69). Além de escadas e hexágonos intermináveis, encontram-se também espelhos nos corredores e o narrador de Borges comenta que as superfícies polidas refletidas nos espelhos fá-lo sonhar com o infinito: *"... eu prefiro sonhar que as superfícies polidas figuram e prometem o infinito..."* (BORGES, 2007, p. 69).

A sugestão de Allison-Cassin (2012) é que pensemos na ressonância entre este universo infinito em que se constitui a Biblioteca de Babel com a clássica expressão da Biblioteconomia 'universo bibliográfico'. Isto porque o controle bibliográfico universal é sonho também da biblioteconomia moderna desde os anos cinquenta. Mais recentemente o relatório final da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA, 1998) historia todos os esforços já realizados no campo da descrição bibliográfica até chegar a estes Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR) dos anos noventa. Nesses requisitos, o universo bibliográfico é definido em sua abrangência como a totalidade de recursos informacionais, dentro

de cada país, de cada biblioteca particular ou grupo de bibliotecas.

Para Allison-Cassin, é esta tensão entre um universo de recursos bibliográficos em expansão e a necessidade de protocolos fixos de registro bibliográfico que não está bem discutida na literatura da área ou mesmo em seus códigos e práticas. Diante da obsolescência de códigos e regras pela qual passam os protocolos do registro bibliográfico na história recente, perguntamos junto com a autora canadense, se não teríamos que fazer uma discussão mais ampla sobre a epistemologia praticada na catalogação e na classificação/indexação de documentos. Pensando também uma nova noção de documento ou texto ou mesmo informação em sua inspiração hayleana.

5 UM NOVO DOCUMENTO PARA A DESCRIÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Os filósofos e pensadores franceses iniciaram uma nova compreensão sobre a textualidade ou os documentos iniciada por Roland Barthes e Michel Foucault, ambos promovendo em estilo próprio, certo apagamento da autoria na famosa expressão bartheana “a morte do autor”. Em texto homônimo Barthes (1988, p. 2) contrapõe voz e escrita para concluir que a voz do autor não importa pois a escrita é “esse neutro, esse composto, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito...” Com relação à textualidade, Barthes demonstra sua preferência pelo sintagma ‘texto’ em detrimento da ‘obra’, ligando esta discussão à sua nova noção de interdisciplinaridade a qual valoriza a ruptura e não a cooperação.

A interdisciplinaridade não é fácil; começa efetivamente quando a solidariedade de antigas disciplinas se desfaz, talvez até violentamente, mediante as sacudidas da moda, em proveito de um objeto novo, de uma linguagem nova, que não estão nem num nem noutra no campo das ciências que se tentava tranquilamente confrontar (BARTHES, 2004, p. 65-66).

Barthes alerta que não devemos sobrevalorizar as transformações da obra com as reformulações paradigmáticas, pois o que a história nos permite é apenas variar, deslizar,

ultrapassar. “Diante da obra – noção tradicional concebida durante muito tempo, e ainda hoje, de maneira por assim dizer, newtoniana – produz-se a exigência de um objeto novo, obtido por deslizamento ou inversão das categorias anteriores” (BARTHES, 2004 p. 66).

Michel Foucault é outro importante pensador francês que pergunta ‘o que é um autor’ no final da década de sessenta. Para ele a figura do autor é anterior e exterior ao texto. Texto este que deve ser lido como monumento. Algo para ser visto de fora, como a visita que fazemos aos monumentos. Olhamos o monumento por fora, circulamos em seu redor, mas não entramos em seu interior. O filósofo francês quer ressaltar justamente as relações do documento com o mundo exterior evitando buscar significância no interior dos próprios documentos.

Estas compreensões da filosofia francesa outra vez ressoam nos autores da Ciência da Informação que, a exemplo de Bernd Frohmann ou Allison-Cassin propõem um novo documento para a Ciência da Informação. Mas gostaríamos de ressaltar a originalidade de Frohmann dentre os neo-documentalistas dos anos noventa pois em sua revisitação ao clássico texto de Michel Buckland sobre o que seria o documento, Frohmann avança no sentido de especificar o que estava ausente em Buckland, justamente uma reorientação à pergunta: ao invés de perguntarmos sobre o significado do documento, deveríamos entendê-lo por uma inspiração deleuziana entendendo-o como agenciamento. E como perceber o documento em sua funcionalidade: “*seeking to enhance their power and force, with more concern for what they do than for what they mean and represent*” (FROHMANN, 2008, p. 301). As últimas palavras de Frohmann neste longo texto de revisita terminam dizendo que a questão do documento é algo “*more like seeding rhizomes than growing a tree*” (FROHMANN, 2008, 301). Da mesma forma, Allison-Cassin (2012, p. 24) termina o seu texto sobre a nova descrição bibliográfica: “*the question for the future may be what kind of organismo are we cultivating? Root or Rhizome?*”.

Apontada a originalidade de Frohmann passemos às considerações deleuzianas sobre o documento já que elas inspiram também a crítica literária de Hayles e a nova descrição bibliográfica de Allison-Cassin. O livro é apresentado como relações ou fluxo no primeiro volume do livro

Mil Platôs. No texto introdutório de *Mil Platôs* chamado Rizoma, há a compreensão de “um livro não tem objeto nem sujeito; é feito de matérias diferentemente formadas, de datas e velocidades muito diferentes” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11). Ao criticarem a ênfase que damos aos autores, Deleuze assim como Barthes ou Foucault rejeitam a atribuição de autor a um texto, pois, segundo o primeiro “desde que se atribui um livro a um sujeito, negligencia-se este trabalho das matérias e a exterioridade das suas correlações” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

Nesta introdução de *Mil Platôs* há também maior especificação quanto aos elementos de um agenciamento: “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação...um livro é um tal agenciamento e, como tal, inatribuível. É uma multiplicidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12). Com efeito, Deleuze afirma que “a filosofia é a teoria das multiplicidades” e ele dá novas configurações a este conceito das multiplicidades, para além do entendimento já intuído na matemática e na filosofia da duração bergsoniana; falará em multiplicidades virtuais e multiplicidades atuais. A partir daí a multiplicidade torna-se substantiva e não mais um predicado como no sistema unomúltiplo. O filósofo parte para uma terminologia própria, conforme Christofletti (2006 p. 137): “chama de virtual a multiplicidade marcada pelo tempo universal e, de atual a multiplicidade invadida por vários tempos, sendo que cada tempo destes é uma partícula da duração; somadas as duas noções, tem-se o sistema-multiplicidade”. Multiplicidade aponta para um sistema de diferenças. Deleuze e Guattari (1995, p.8) afirmam no prefácio do primeiro volume de *Mil Platôs* que “As multiplicidades são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito”. Por isto não se deve perguntar o que um livro quer dizer mas “com o que ele funciona ... em que multiplicidade ele se introduz e metamorfoseia a sua”. Ainda no prefácio lemos que “os princípios característicos das multiplicidades concernem a seus elementos que são singularidades... a seu modelo de realização que é o rizoma”. O rizoma é a forma de realização das multiplicidades. O rizoma se tece como mapa ou cartografia de múltiplos

e é por esta razão que “as multiplicidades se definem pelo fora, pela linha abstrata, linha de fuga ou desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17). O rizoma é pois um mapa das multiplicidades.

Ao discutirmos um novo documento para a descrição bibliográfica, queremos afirmá-lo como agenciamento, na companhia de Frhmann, Hayle e Allison-Cassin, todos os três inspirados na teorização deleuziana do rizoma-multiplicidade. Destacamos ainda a originalidade de Hayle (2003, p.283-284) adensando o conceito do agenciamento com as pontas de desterritorialização para afirmar o texto como Corpo sem Órgãos, já que devemos entender os textos como provocações em busca de sentido, como se todos os textos fossem uma espécie de tradução sem recurso ao original: “*everything is simultaneously a translation of everthing else, each United to the others in a rhizomatic network without a clear beginning or end*”. Vale ressaltar também a noção de performatividade do documento presente em ambas as autoras pois o documento eletrônico visibilizou a materialidade seja da obra, do texto ou da informação através de múltiplos cenários disponíveis pela tipologia documental. O dilema entre representação e sensação levou outras autoras a experimentar esta performatividade do texto-cenário, no qual surgiu configurada, uma exposição da obra do pintor Francis Bacon. Neste texto- exposição, Mostafa e Nova Cruz (2012) apresentam quadros do pintor, livro, artigo, blogs e trechos de filme fazendo o texto lembrar, na surpresa das autoras, a estrutura do Museu de Língua Portuguesa.

6 A TIRANIA DO REGISTRO, A TIRANIA DA ATRIBUIÇÃO E A SERENDIPIDADE

Ao discutirmos esse novo documento para a descrição bibliográfica, reconhecido como agenciamento e percebido em sua multiplicidade como sistema de diferenças, a atribuição dos metadados torna-se problema e não solução. A atribuição por outro lado precisa ser discutida junto à epistemologia praticada na catalogação, classificação e indexação de documentos, pois ela gera esta tensão apontada por Allison-Cassin entre o universo de recursos bibliográficos em expansão e a necessidade de protocolos fixos

de registro bibliográfico. No deslizamento de planos percorrido pela autora observamos a reflexão entre o universo infinito e o universo bibliográfico, bem como o sonho da contenção, manejo, domínio, controle, vigilância, poder, elementos equivalentes entre estes universos.

Neste sentido, ao apontarmos o universo bibliográfico da Biblioteconomia e Ciência da Informação consideramos as práticas, processos e técnicas empreendidos na busca do controle bibliográfico universal. Atualmente, como denotado por Allison-Cassin, a criação do modelo conceitual dos Requisitos Funcionais para Registros Bibliográficos (FRBR) busca este sonho ao contemplar a totalidade de recursos informacionais, seja num país determinado, numa rede de bibliotecas ou em âmbito privado. Mas como compreender o recurso informacional na sua multiplicidade, buscando não o que ele quer dizer, mas sim com o que ele funciona?

Talvez seja neste ponto que encontramos um dos questionamentos importantes de nossa abordagem, como criar protocolos fixos de registro bibliográfico para a descrição deste novo documento? Em outras palavras podemos reformular esta questão esclarecendo para nosso leitor o ponto de inflexão que desejamos enveredar: como descrever bibliograficamente este novo documento que é inatribuível sendo que a atribuição de autoria é quase mandatário.

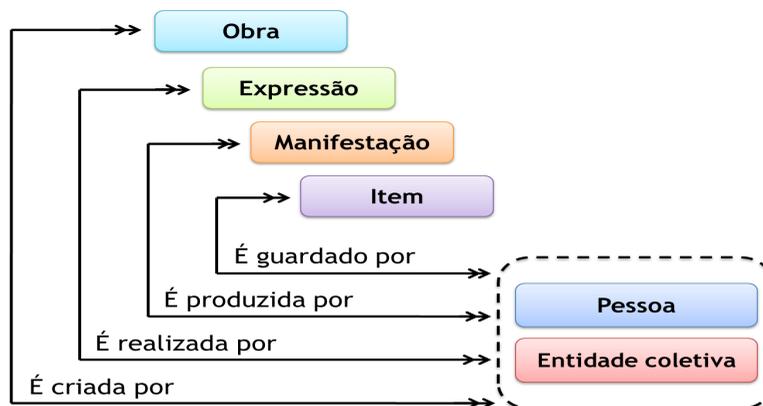
Tirania do registro é a expressão de Hillman (2011) para explicar os esforços empreendidos numa re-conceituação do controle bibliográfico, conside-

rando os catálogos construídos para ambiente web que transmitem, aparentemente, a noção do infinito ou da falta de limites. Esses catálogos, em sua maioria, podem ser considerados apenas como uma transposição do impresso para o online na centralidade da linguística para representar os metadados. Nesta codificação os signos linguísticos foram priorizados em detrimento dos bibliográficos (Hayles, 2003). Até mesmo as práticas mais contemporâneas de descrição bibliográfica como o RDA (*Resource Description and Access*), nova diretriz para a catalogação de recursos informacionais, tem sua centralidade na representação linguística.

Mesmo com os avanços das práticas contemporâneas de descrição, continuamos reproduzindo sistemas que ignoram a importância da materialidade, como afirma Allison-Cassin. Mesmo o modelo conceitual FRBR ainda é dependente da representação linguística e de metadados, dificultando uma nova reflexão sobre os dados bibliográficos. Surge, neste ponto, uma tensão entre o modelo conceitual FRBR, como por exemplo, o RDA e a 'Obra'. O conceito de obra foi amplamente discutido por Coyle (2016) em seu trabalho "*FRBR: Before and After*", mostrando sua funcionalidade expressa por pensadores da área como Seymour Lubetzky, Patrick Wilson, Richard Smiraglia e ela própria ao escrever sobre "*Coyle's Cognitive View*". Sendo que uma definição razoável seria a respeito dos relacionamentos existentes entre obras. A definição de obra continua fortemente ligada à autoria, a criação de um autor ou entidade coletiva.

Figura I – Autoria

Relacionamentos entre as entidades dos Grupo 1 e 2 do FRBR



Fonte: Assumpção, 2012.

O conceito de obra pode ser útil para o universo bibliográfico tradicional onde o documento passa por esta sequência hierárquica tendo a obra no topo da hierarquia e o item no nível mais inferior. Como observamos na Figura 1 a obra é “criada” por “pessoa” ou “entidade coletiva”, ou seja, a obra é atribuível. Mas é uma categoria abstrata, no sentido em que ela só se materializa no texto ou item. A obra é de “um” ou de “um pequeno grupo de alguns” (et al.) estando ligada fortemente ao imperialismo dos signos linguísticos. Por isto a obra nega de certa maneira a riqueza intrínseca ao texto e suas relações.

Neste sentido, Barthes (1988) escreve sobre a cultura da literatura que é centrada no autor, reconhecendo que esse “império do autor” ainda é muito poderoso, pois este existe como um rei em manuais, biografias, entrevistas “e na própria consciência dos literatos, preocupados em juntar, graças ao seu diário íntimo, a sua pessoa e a sua obra; a imagem da literatura que podemos encontrar na cultura corrente é tiranicamente centrada no autor” (BARTHES, 1988, p.2).

Neste ponto a construção reflexiva elaborada por Allison-Cassin apresenta elementos importantes para a discussão sobre a tirania do autor, ou tirania da atribuição voltada à epistemologia praticada na representação dos documentos na Biblioteconomia e Ciência da Informação. Podemos encontrar essa “tirania” no compêndio de regras para a criação de descrições bibliográficas, construção e atribuição de pontos de acesso, o AACR (*Anglo-American Cataloguing Rules*), e também, de maneira mais ampliada, no seu predecessor o RDA (*Resource Descripton and Access*). O RDA tem seu foco no usuário (*users tasks*) e apresenta uma nova forma de catalogar, traz orientações sobre recursos digitais e sobre como auxiliar os usuários para encontrar, identificar, selecionar e obter a informação. Sobre a segunda tarefa, identificar, o RDA utiliza o registro dos atributos e dos relacionamentos na criação de registros de autoridade, sendo de fundamental importância o usuário reconhecer por meio desses atributos as obras associadas à determinada pessoa (Assumpção; Santos, 2013).

Para Cassin (2012 p. 18), a preocupação do modelo conceitual FRBR e da norma RDA em construir com precisão registros bibliográficos acaba comprometendo a serendipidade que é o encontro ao acaso de outras informações que

não as intencionalmente procuradas. Qualquer processo de pesquisa envolve um tatear ao acaso que leva a descobertas surpreendentes que não eram esperadas. Para nossa autora os ‘percursos aprovados’ que construímos com os novos padrões de catalogação podem colaborar para a perda da serendipidade na medida em que não possibilitam aos usuários o encontro com o inesperado, pois os relacionamentos já estão construídos.

Neste contexto de obra e da tirania do registro, os autores Barthes, Deleuze e Guattari e Hayles salientam que a atribuição coloca limites à criatividade. O primeiro fala sobre o mito da filiação; os demais dizem que a multiplicidade só pode existir na ausência da atribuição, sendo o ato da atribuição um mito já que a obra deve ser considerada como *assemblage* mas para isso teremos que mudar nossa visão acerca da autoria, dos textos e da informação.

Portanto, considerando a necessidade da inatribuição, por quais caminhos podemos enveredar uma nova práxis epistemológica para a catalogação, classificação e indexação de documentos na era *Web*? Como criar catálogos que possibilitem a serendipidade por parte dos usuários? Como construir catálogos que permitam o reconhecimento da ‘obra como *assemblage*’? Como pensar a descrição bibliográfica deste novo documento-agenciamento? O futuro funcional do controle bibliográfico talvez resida na adoção de um modelo de *Linked Data* por permitir a ampliação dos espaços para os dados bibliográficos permitindo o rizoma-multiplicidade.

7 O FUTURO FUNCIONAL NO PRESENTE

No contexto de discussão desse novo documento assumimos que o modelo FRBR e o RDA representam um avanço em relação ao AACR justamente por ser pensado por um viés de uma metodologia baseado na técnica de análise de entidades. Entretanto entendemos que outras concepções ou modelos de descrição já são disponíveis e representam avanços em relação ao modelo FRBR. Tal é o caso do ‘dado aberto’ ou *Linked Data*, pois permitem alto nível de relacionamento entre os objetivos informacionais.

Na discussão sobre a questão entre os dados destacamos o *Linked Data* como uma estrutura funcional que modifica alguns conceitos de descrição, de recuperação da informação e principalmente pode permitir sensação de rizoma que se experimenta ao navegar nos conjuntos de *datasets* que constituem o *Linked Open Data*. Os conceitos que estruturam uma web capaz de ligar dados de diversas fontes tem sua origem na Web Semântica que tem como ponto fundamental a criação de uma nova estrutura de armazenamento de dados. Para isso tecnologias como RDF (*Resource Description Framework*), XML (*eXtensible Markup Language*), OWL (*Web Ontology Language*) tornaram possível a materialização do conceito da Web Semântica, possibilitando o relacionamento, a construção e o armazenamento das informações em conjunto de dados ligados semanticamente. Neste sentido, a linguagem RDF também indicada para representação de dados abertos, tem como objetivo criar uma rede de informações a partir de dados distribuídos. De acordo com o W3C, o RDF é uma linguagem de uso geral para representar informações na Web. O RDF tem como princípio fornecer interoperabilidade aos dados, de forma que possa contribuir com a recuperação de informações de recursos na Web.

Para disponibilizar dados numa estrutura semântica é necessário usar uma série de modelos de esquemas. Além dos listados, há ainda uma série de outros vocabulários disponíveis, assim como vários são os modelos de esquemas e ontologias disponíveis para serem utilizados e principalmente consumidos livremente. O *Linked Data* é a ideia materializada, que agrega e congrega esses esquemas, vocabulários e principalmente dados. Por isso o futuro funcional do controle bibliográfico é a adoção deste modelo, justamente por permitir a ampliação dos espaços dos dados bibliográficos. Na seara do *Linked Data* temos os vocabulários RDF, FOAF, RDFS, DC e OWL que são os mais utilizados pelos *datasets*. O vocabulário RDF aparece em 98,22% dos *datasets*. Por meio dos diagramas oficiais do *Linked Open Data* apresentados em 2011 e posteriormente em 2014, pode-se afirmar que há uma tendência para a adoção de vocabulários reconhecidos internacionalmente. Por exemplo, enquanto o vocabulário FOAF foi usado por 27,46% de todos os *datasets* em 2011, é utilizado por 69,1% dos *datasets* em 2014. O mesmo acontece com o *Dublin Core* que é usado em 2014 por 56,01% dos

conjuntos de dados e foi utilizado por apenas 31,19% em 2011. (SCHMACHTENBERG; BIZER; PAULHEIM, 2014).

O *Linked Data*, organizado por Tim Berners-Lee tem como característica principal o estabelecimento de links entre dados de fontes distribuídas, criando um grande grafo global, onde é possível percorrer por diversas fontes para encontrar as mais diversas informações. Ao observar o conjunto de dados que se ligam, torna-se fácil imaginar o conceito de serendipidade citado por Shadbolt, Berners-Lee e Hall (2006) e comentado por Cassin (2012 p. 18).

Segundo Heath e Bizer (2011), “o *Linked Data* é um conjunto de melhores práticas para publicação e conexão de dados estruturados na Web, permitindo estabelecer links entre itens de diferentes fontes de dados para formar um único espaço de dados global”.

a Web Semântica não trata apenas de depósito de dados na web. Trata-se de fazer ligações, de modo que uma pessoa ou máquina possa explorar esse conjunto de dados. Com *Linked Data*, quando você tem um pouco de dados, você pode encontrar outros que estão relacionados. (BERNERS-LEE, 2006, p.18)

Com certeza a base de maior tamanho e também maior destaque no *Linked Open Data* é a *DBpedia*. A *DBpedia* é uma interface orientada a dados, constituída a partir de um esforço da comunidade para extrair informação estruturada da *Wikipédia* e tornar esta informação disponível na web. Atualmente está sendo constituída a *DBpedia Live* que é uma estrutura funcional que tem como objetivo transferir diretamente os dados do *Wikipédia* para o padrão semântico do *DBpedia*.

O conjunto de dados do *Linked Open Data* está dividido em 9 categorias, mas apesar de dividido contem um conjunto de dados extremamente diversificado, possibilitando um processo de recuperação da informação qualificado e que percorre fontes diferentes, tornando o *Linked Open Data* uma grande biblioteca de dados abertos e estruturados. Com tantos dados a serem percorridos, será natural a descoberta de informações e ligações ao acaso, um processo de serendipidade no mar de dados do *Linked Open Data*. De acordo com Santarem Segundo (2014)

com essa grande oferta de dados disponíveis é necessário um segundo passo, o desfrute desses datasets. É necessário transformar todo esse conjunto de informações em conhecimento útil e aplicável, de forma a mudar positivamente a vida das pessoas. Essa era a proposta inicial de Berners-Lee com a Web Semântica. (SANTAREM SEGUNDO, 2014, p.3870)

A recuperação da informação acontecerá à medida que houver evolução no uso do protocolo *Sparql*, capaz de realizar consultas em *datasets* com estruturas semânticas, e que os agentes computacionais evoluam também para tornar todo o conteúdo do *Linked Open Data* disponível para as pessoas através de interfaces ricas e interativas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção do modelo de *Linked Data* proporciona um alto nível de relacionamento entre os objetos informacionais permitindo

a ampliação dos espaços para os dados bibliográficos o que faz lembrar o rizoma-multiplicidade. Essa aproximação reside no fato de como sua estrutura funcional modifica os conceitos.

Entretanto, a reflexão da práxis epistemológica da catalogação, classificação, indexação, enfim da descrição bibliográfica necessita de avanços para pensar o novo documento, pois mesmo o *Linked Data* não contempla plenamente os problemas aqui apontados, uma vez que os percursos de registro e busca ainda são previamente decididos. O *Linked data* é ainda um caminho classificado, atribuído por alguém, se bem que este caminho é multi-facetado em temas e tipos de documentos e em classificações não hierárquicas.

Pensar fora dos quadros representativos da Ciência da Informação é um grande desafio já que ela é a ciência da representação. Mas nem sempre pensamos de forma representativa e desde 1945, na companhia de Vannevar Bush, estamos sempre pensando no impensável.

Artigo recebido em 29/06/2016 e aceito para publicação em 21/08/2016

BIBLIOGRAPHIC DESCRIPTION IN SEMANTIC WEB ERA: for a new document notion

ABSTRACT *From the pragmatic philosophy of William James which enhances the concept of fragmentation and disjunctive junction of fragments as well as from the French philosophy of post-68 it was delineated the notion of document as assemblage, allowing to trace the evolution protocols for the bibliographic description from the AACR, passing through the conceptual model FRBR, RDA and reaching the Semantic Web where rhizomatic structures of knowledge representation are identified.*

Keywords: *Bibliographic Description. Assemblage. Linked Data.*

REFERÊNCIAS

CASSIN, A. S. The possibility of the infinite library: exploring the conceptual boundaries of works and texts of bibliographic description. *The Journal of Library Metadata*, 12(2-3), 2012. Disponível em: < <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/19386389.2012.700606> >. Acesso em: 10 jun. 2016.

ASSUMPÇÃO, F. S.; SANTOS, P. L. V. A. C. A utilização do Resource Description and Access (RDA) na criação de registros de autoridade para pessoas, famílias e entidades coletivas. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 203-226, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n37p203> > Acesso em: 20 jun. 2016.

- BARHTES, R. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. Disponível em: < <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/L3BarthesAutor.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2016.
- _____. Da obra ao texto. In: **O rumor da língua**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 65-75. Disponível em: < <http://www.eduardoguerreirolosso.com/BARTHES-Da-obra-ao-texto-pdf.pdf> >. Acesso em: 15 jun. 2016.
- BERNERS-LEE, T. **Linked Data Principles**. 2006. Disponível em <<http://www.w3.org/DesignIssues/LinkedData.html>> Acesso em : 10 abr. 2014.
- HEATH, T.; BIZER, C. **Linked Data**: evolving the web into a global data space. Morgan & Clarepool, 2011.
- BORGES, J. L. A biblioteca de Babel. In: **Ficções (1944)**. BORGES, J. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 69-79.
- BORGES, J. L. Pierre Menard, autor do Quixote. In: **Ficções (1944)**. BORGES, J. L. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 p.34-45
- CHRISTOFOLETTI, R. P.; FOUCAULT, D. GUATARRI, F. Cruzamentos teóricos e metodológicos. In: Raitz, T. R.; Ferreira, V. S.; Guerra, N. F. (Orgs.) **Ética e metodologia**. Itajaí: Ed. UNIVALI/Maria do Cais, 2006.
- COYLE, K. FRBR, before and after: a look a tour bibliographic models. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: < <http://kcoyle.net/beforeAndAfter/978-0-8389-1364-2.pdf> > . Acesso em: 18 jun. 2016.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro, ed. 34 , 1995 vol. 1.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Disponível em: http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/276782/mod_resource/content/1/Foucault%20Michel%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20autor.pdf Capturado em: 10/06/2016
- FROHMANN, B. Revisiting “what is a document?” **Journal of Documentation** Vol. 65 No. 2, 2009 pp. 291-303.
- GUARINO, N. Formal ontology and information systems. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON FORMAL ONTOLOGY IN INFORMATION SYSTEMS - FOIS'98, 1998, Trento. **Proceedings...** Amsterdam: IOS Press, 1998. p. 3-15.
- HAYLES, N. K. Translating media: why we should rethink textuality. **The Yale Journal of Criticism**, 16(2): 263-290, 2003.
- HILLMANN, D. RDA vocabularies in the semantic web: What they are, how they work. 17, nov. 2011. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/ALATechSource/diane-hillmann-rda-vocabularies-in-the-semantic-web> > . Acesso em: 15 jun. 2016.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS (IFLA). Funcional Requirement for Bibliographic Records. 1997 Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/cataloguing/frbr/frbr_2008.pdf>
- JACOB, E. K. Ontologies and the semantic web. **Bulletin for the American Society for Information Science and Technology**, v. 29, n.4, p.19-22, Abr./Mayo 2003.
- LASSILA, O. Resource Description Framework (RDF) model and syntax specification 1.0. 1999. Disponível em: <<http://www.w3c.org/TR/REC-rdf-syntax>>. Acesso em: 2 fev. 2014.
- BERNERS-LEE T.; LASSILA, O.; HENDLER, J. The semantic web. **Scientific American**, New York, v. 5, May 2001.
- MOSTAFA, S. **Filosofia da diferença e a ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2013. 125p.
- MOSTAFA, S.; NOVA CRUZ, D. Patchwork como princípio de produção e organização do conhecimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, fev. 2011.

MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. Representação versus sensação: um dilema para o cientista da informação. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIII ENANCIB 2012

SANTAREM SEGUNDO, J. E. **Representação Iterativa: um modelo para repositórios digitais**. 2010. 224 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2010.

SANTAREM SEGUNDO, J. E. Web Semântica: introdução a recuperação de dados usando SPARQL. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: além das nuvens, expandindo as fronteiras da Ciência da Informação, 15., 2014. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/ ECI, 2014. p. 3863-3882.

SANTAREM SEGUNDO, J. E.; CONEGLIAN, C. S. Tecnologias da Web Semântica aplicadas a organização do conhecimento: padrão SKOS para construção e uso de vocabulários controlados descentralizados. In: **Organização do Conhecimento e Diversidade Cultural**. Marília: Fundepe, 2015, v. 3, p. 224-233. Disponível em: <<http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Organiza%C3%A7%C3%A3o-do-Conhecimento-e-Diversidade-Cultural-ISKO-BRASIL-2015.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2016.

SCHMACHTENBERG, M.; BIZER, C.; PAULHEIM, H.; Adoption of the Linked Data best practices in different topical domains, 2014. Disponível em: <<http://dws.informatik.uni-mannheim.de/fileadmin/lehrstuehle/ki/pub/SchmachtenbergBizerPaulheim-AdoptionOfLinkedDataBestPractices.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

SHADBOLT, N.; BERNERS-LEE, T.; HALL, W. "The Semantic Web Revisited," in **IEEE Intelligent Systems**, vol. 21, no. 3, pp. 96-101, Jan.-Feb. 2006.